

IV Congresso Brasileiro de Organização do Espaço

XVI Seminário de Pós-Graduação em Geografia

29, 30, 31 de maio e 01 de junho de 2023

Unesp - Rio Claro

IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE NO ESPAÇO DAS COMUNIDADES UNIDAS VENCEREMOS E TERRANOSTRA

IDENTIDAD Y TERRITORIALIDAD EN EL ESPACIO DE LAS COMUNIDADES UNIDAS VENCEREMOS Y TERRANOSTRA

ARAÚJO, Maria Isabel de

Universidade Federal do Amazonas – PPGCASA/UFAM

mbelaraujo@gmail.com

SILVEIRA JUNIOR, Wanderley Jorge da

Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas Gerais

wanderley.junior@ifsudestemg.edu.br

SOUSA, Silas Garcia Aquino de

Embrapa Amazônia ocidental

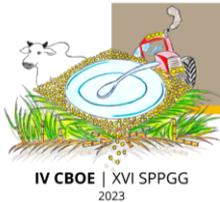
silas.garcia@embrpa.br

Resumo: O espaço vivido é parte de uma dinâmica proporcionada por diversas atividades humanas socioeconômicas e ambientais, em que constroem identidades, que não se definem *a priori*, mas que são frequentemente reafirmadas a partir das relações e da luta pela garantia de seus direitos. Objetiva-se neste investigar na paisagem a construção da territorialidade no espaço agroalimentar das comunidades de agricultores familiares nas vicinais ZF4-ZF5 da BR 174, zona rural de Manaus/AM. Será adotado o método dedutivo, quanto aos meios, pesquisa bibliográfica de cunho exploratório descritivo e, quanto aos fins, qualitativa. Conclui-se que a etnicidade parte de uma dinâmica de resistência diante das mudanças da realidade, uma identidade que une as pessoas e constrói um sentido de pertença ao lugar, uma riqueza étnico-cultural que proporciona uma identidade comunal com articulações no espaço vivido.

Palavras-chave: Amazonas; Etnicidade; Identidade; Território.

Resumen: El espacio vivido forma parte de una dinámica proporcionada por diversas actividades humanas socioeconómicas y ambientales, en las que construyen identidades, que no se definen *a priori*, pero que muchas veces se reafirman desde las relaciones y la lucha por la garantía de sus derechos. El objetivo de este estudio es investigar la construcción de territorialidad en el espacio agroalimentario de comunidades de agricultores familiares en el borde de la carretera ZF4-ZF5 de la BR 174, en el área rural de Manaus/AM. Se adoptará el método deductivo, en cuanto a los medios, investigación bibliográfica de naturaleza exploratoria descriptiva y, en cuanto a los fines, cualitativa. Se concluye que la etnicidad surge de una dinámica de resistencia ante los cambios de la realidad, una identidad que une a las personas y construye el sentido de pertenencia al lugar, una riqueza étnico-cultural que brinda una identidad comunitaria con articulaciones en el espacio vivido.

Palabras clave: Amazonía; etnicidad; Identidad; Territorio.



1. INTRODUÇÃO

Ambiente, espaço, lugar, paisagem, região e território são termos conceituados a partir de distintas abordagens disciplinares tais como, Antropologia, Economia, Geografia, História, Sociologia dentre outros conhecimentos que concebem diferentes significados as expressões. Neste estudo, abordamos o conceito de espaço na perspectiva da Geografia Humanista, que incorporou o conceito de lugar à análise regional de espaço vivido, como produto da experiência humana, “lugar onde estão as referências pessoais [...] direcionadas as diferentes formas de perceber/constituir a paisagem no espaço geográfico” (WIVES *et al.*, 2017, p. 35).

Neste contexto, a exploração e a conscientização do indivíduo no espaço vivido se iniciam através das experiências, ação e reflexão sobre ele no lugar, simbolicamente e materialmente apropriados através dos laços afetivos no mundo vivido onde, indivíduo e coletividade explicitam experiências, vivências construídas da memória biocultural, das relações físicas e efetivas do sujeito social em interação com seu meio e com a sociedade, materializada no tempo e espaço do território habitado, onde se constroem memórias, representações e identidades.

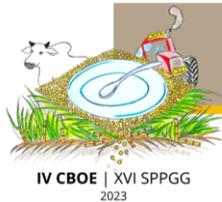
Assim as relações socioespaciais compreendem múltiplas dimensões dos indivíduos nos espaços território que habitam, afirmando certas características a partir destas relações, nos abonando ao conceito de fronteira étnica. Kozel (2007), explicita que

O espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido”. As pessoas constroem imagens que estão impregnadas de recordações, significados e experiências”. Assim, o espaço se torna lugar através da experiência humana, carregado de símbolos de apropriação e significação. (KOZEL, 2007, p. 117).

Bem como define Tuan (2012. p. 144) o termo topofilia, como os “laços afetivos

(simbólicos) dos seres humanos com o meio ambiente, a compreensão dos espaços e da relação com estes”, [...]. A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”, vinculando a afetividade com o ambiente [...]. “O espaço vivido e lugar são sinônimos, pois ambos agregam personalidade e se tornam familiar, convertendo-se em elementos da própria existência humana”; (TUAN, 2012, p. 282).

Dessa forma, a problemática que motivou a pesquisa foi assim formulada: as identidades profissionais são condicionantes no processo de socialização e de identificação étnica no espaço agroalimentar? O estudo se justifica considerando a importância em perceber no espaço vivido as origens sócio-históricas dos comunitários, a partir da identidade



profissional, formadoras ou não da identidade étnica do grupo no meio biofísico e histórico das comunidades de agricultores familiares, aqui denominados de agrofloresteiros. Nesta direção, objetivou-se investigar na paisagem a construção da territorialidade no espaço agroalimentar das comunidades de agricultores familiares das vicinais ZF4 e ZF5, da BR 174, zona rural do município de Manaus/AM.

Essas comunidades estão inseridas na área do Distrito Agropecuário da Superintendência da Zona Franca de Manaus - DAS, na vicinal ZF4 a Comunidade Unidos Venceremos e na vicinal ZF5 a Comunidade Terranostra, zona rural do município de Manaus/AM, a referida gleba esta sobrepostas na Área de Proteção Ambiental da Margem Esquerda do Rio Negro - Setor Aturiá/Apuauzinho - (APAMERN-SAA).

MATERIAL E MÉTODOS

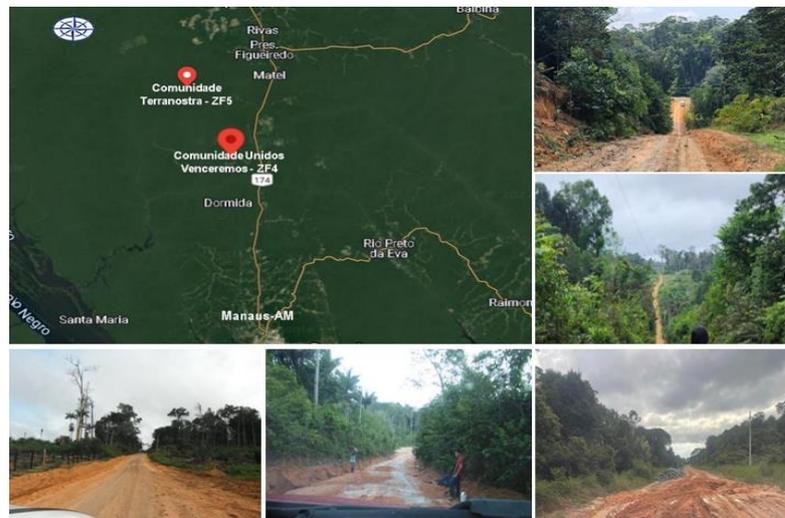
A área de observação ou recorte espacial escolhido para a realização deste estudo foi a área de expansão do Distrito Agropecuário da Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA/DAS, a unidade amostral foi a comunidade Unidos Venceremos (2°24'50.1"S 60°04'48.4"W) e comunidade Terranostra (2°10'46.7"S 60°13'25.2"W). Área titulada da Suframa, autarquia especial da União, que está sobreposta na Unidade de Conservação (UC), Área de Proteção Ambiental – APA da Margem Esquerda do Rio Negro - Setor Aturiá/Apuauzinho - (APAMERN-SAA), com visitas *in loco* no período de outubro a novembro/2022.

As comunidades estão assentadas ao longo da BR 174, KM 67, vicinal ZF4 e KM 83 vicinal ZF5, com fronteira noroeste (Figura 1) ao afluente do Rio Branquinho. O universo da pesquisa compreendeu os agricultores familiares, residentes nas comunidades, com expressiva ação na construção da territorialidade e formadoras de identidade étnica do grupo no meio biofísico e histórico, aqui denominados de agrofloresteiros.

Os sujeitos desta pesquisa ocupam o espaço da APAMERN-SAA, denominados de agricultores familiares de diferentes origens e revelaram enorme diversidade na construção da paisagem, não apresentaram formas rígidas ou pré-estabelecidas no processo de construção, entretanto, o modo laboral com a terra foi um dos fatores que tornou familiar o espaço da paisagem, o qual se constitui a identidade étnica desses comunitários que, sócio historicamente estão inseridos.

A origem das comunidades do DAS ZF4 Unidos Venceremos e ZF5 Terranostra, remonta ao ano de 2000, quando grupos de agricultores, ocuparam espontaneamente, lotes de 20 a 25 ha as áreas do DAS.

Figura 1 – Localização das comunidades BR 174 - ZF4 e ZF5



Fonte: Adaptado Google Maps/ARAÚJO, M.I. (2022)

Originalmente essas terras foram cedidas pela Suframa aos empresários do Distrito Industrial como aporte a produção agropecuária, em atenção à demanda do setor primário do município de Manaus, com a concessão de áreas para instalação de fazendas agropecuárias com mais de 2.000 (dois) mil hectares, ressalta Sousa *et al.*, (2022) que:

“desmataram cerca de 200 mil ha retiraram madeira e ocuparam com plantio principalmente de pastagens, seringueiras, dendezeiros, guaranazeiros”. No final de década de noventa os empreendedores abandonaram as terras pelo insucesso do empreendimento. Atualmente “os agricultores cultivam a terra em lotes situados nas vicinais secundárias das antigas fazendas e estão aguardando a regularização fundiária dessas terras pela SUFRAMA” (SOUSA *et al.*, 2022, p.1).

A metodologia utilizada foi do método dedutivo; quanto aos meios, adota como método de investigação, a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório descritivo de cunho etnográfico no estudo de caso. Para Yin (2015, p. 31) “o estudo de caso é uma estratégia que propicia a investigação metodológica, através da análise direta da realidade local”.

Com o método etnográfico, foram utilizadas as técnicas de observação participante no trabalho de campo, com entrevistas semiestruturadas e visitas periódicas no campo.

O deslocamento até as comunidades, ocorreu no período de out. e nov./2022, para se obter informações sobre: o histórico da ocupação espacial e as relações com o território; os

aspectos da organização social, as relações de consanguinidade das famílias, formas de organização para realizar as tarefas e atividades sociais, econômicas e ambientais para se compreender as questões identitárias.

Segundo Angrosino (2009, p. 43) “a etnografia sujeita-se a compreensão do pesquisador observar e interagir com as pessoas enquanto elas executam suas rotinas diárias.” E a observação participante (2009, p. 52) “não é uma técnica de coletar dados, mas sim uma incumbência utilizada pelo etnógrafo a facilitar sua coleta de dados”.

Nesse sentido, Geertz (2009, p. 21) ressalta que uma das tarefas do pesquisador é fazer etnografias, e escrevê-las “[...] é como ‘construir uma leitura da sociedade, estudando e observando, no caso desta pesquisa, as Comunidades da vicinal ZF4 - Unidos Venceremos e Terranostra da vicinal ZF5.

Nas comunidades há carências de políticas públicas (comunicação, transporte, saneamento, saúde, segurança, escola e defesa as questões ambientais...) somente na comunidade Unidos Venceremos - ZF4 encontramos energia elétrica e uma unidade de ensino, em condições precária, que acolhe o ensino fundamental e atende as duas comunidades, estando à comunidade Terranostra - ZF5 parcialmente desprovida do acesso às políticas públicas e das estruturas delas provenientes.

As técnicas empregadas neste estudo foram: conversas/entrevistas informais abertas, aplicação de questionário, diário de campo e observação participante. Contatou-se primeiramente os presidentes das comunidades para indicar as famílias mais antigas de agricultores. Em seguida, realizou-se uma reunião com os comunitários partícipes da pesquisa para exposição da natureza do trabalho.

Após essa etapa, identificamos *in loco* os espaços agroalimentares, dando início a aplicação dos questionários, diário de campo e entrevistas com os comunitários. As observações participativas ocorreram nos diferentes sistemas de produção, principalmente nos quintais agroflorestais.

Constou a pesquisa de uma amostra de 40% sobre o número total de cem (100) agricultores familiares estabelecidos nas comunidades. A amostra obedeceu a parâmetros não probabilísticos na área das comunidades de agricultores familiares Unidos Venceremos e Terranostra e Unidos, com aporte no referencial teórico, para a análise dos dados.

2. RESULTADOS PRELIMINARES

De modo geral, observou-se que as transformações socioambientais no espaço agroalimentar ou nas agroflorestas dos comunitários do DAS ZF4 e ZF5 foram parcialmente planejados, organizados e edificados as residências, áreas de produção, igrejas, escola, centro comunitário, lazer dentre outros espaços em função da rotina, dos hábitos, vivências e experiências individuais e coletivas, contidas no mundo vivido através do arcabouço social.

Nessa perspectiva espaço e território não estão separados como ressalta Saquet (2006),

um está contido no outro, o homem age no território, espaço natural e social de seu habitar, para produzir, viver objetiva e subjetivamente gerando diferentes paisagens, fruto da dinâmica socioespacial. [...] o espaço corresponde ao ambiente natural organizado socialmente, enquanto o território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos. (SAQUET, 2006, p. 81).

O modo e formas de uso e trabalho com a terra foi um dos elementos o qual se constitui a identidade desses agricultores, as fronteiras étnicas revelaram a prática do corte e queima da vegetação, garantindo o preparo da área e recursos naturais de insumos no sistema amazônico de produção agrícola, não havendo diferenças de maneira geral na maneira como cortam, queimam, coivaram, plantam e colhem a produção da terra, modificando a paisagem natural com sistemas agrícolas diversificados, com plantas úteis da botânica econômica, medicinal, ecológica e de estética. As modificações revelam uma nova paisagem (Figura 2), com características distintas e marcantes.

Figura 2 – Aspectos das agroflorestas



Fonte: ARAÚJO *et al.* (2022)

Considerando os níveis de identidade étnica (individual e coletiva) como dinâmicas e atualizadas historicamente, observa-se que à formação do autoconceito dos indivíduos, parece
ISSN:
www.cboeunesp.com.br

ser resultado das influências pessoais (família, amigos) e sociais, assim como no âmbito coletivo da comunidade. Significando uma multiplicidade de identidades construídas simultaneamente, para Barth (1998), “grupo étnico designa uma população que se perpetua

designa uma população que se perpetua principalmente por meios biológicos”; - “compartilha valores culturais [...]”; - “compõe um campo de comunicação e interação”; - “um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem”. (BARTH, 1998, p. 11).

Assim, a construção da identidade do indivíduo não ocorre de forma planejada “racionalmente, está sujeito a padrões formativos muito específicos no longo processo histórico intencionalmente determinado pelo grupo social ou pessoas isoladas, em curta e média duração de tempo e tende a se repetir de uma geração para outra” (ELIAS, 2002, p. 4).

Em contraponto, ressalta Oliveira (1976, p. 111) que “a identificação étnica se dá quando uma pessoa sugestiona o uso de termos raciais, nacionais ou religiosos para se identificar ao mesmo tempo com os outros comuns, como uma noção de grupo”.

Nesse sentido, Elias (1994, p. 21) destaca que a educação da personalidade e da conduta do indivíduo é condicionada pela divisão de funções e pela existência delas, pela necessidade do indivíduo sincronizar suas atividades e relações em múltiplas configurações que o formam e são formadas por ele também “que o indivíduo possui dentro da sociedade um papel

que já lhe vem determinado anteriormente ao seu nascimento”, não lhe cabe à escolha de mudar de posição. [...] Os indivíduos constituem uma rede de laços invisíveis, cuja circulação é limitada e dependente das funções que podem exercer dentro da configuração social. (ELIAS, 1994, p. 21).

E continua...[...]. Essa associação não se constitui de relações entre indivíduos, mas de relações entre funções [...]. As configurações, portanto, designam diversos tipos de situações concreta de interdependência (ELIAS, 1994, p. 21).

Complementa Silva (2012, p.76) que “a identidade e a diferença são criações sociais e culturais [...]. A identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra - identidade ou diferenças - tem causas e consequências materiais [...]. Sendo ambas inseparáveis”. Neste processo, a socialização dos indivíduos é fruto da experiência e das relações de poder, vivenciadas no espaço território, as quais geram normas e comportamentos, possibilitando a construção de uma identidade coletiva, entendida como: "a maneira de elaborar um sentido para si na multiplicidade de papéis sociais, e de fazê-la ser reconhecida

por seus companheiros" (MACHADO, 1995, p. 217). Adverte o autor (1995, p. 58), que as identificações possíveis por parte do indivíduo na organização/comunidade estão vinculadas:

ao trabalho que realiza [...] resultado da progressão profissional; - com a comunidade [...] sentimento de proteção, acolhimento por parte do indivíduo; - com uma trajetória [...] projeto pessoal para si com os ganhos do trabalho na lavoura, [...] possível identidade. (MACHADO, 1995, p. 58).

De forma resumida, como resultados preliminares, sintetizamos que a multiplicidade de relacionamentos caracterizando as identidades originais construídas ao longo da vida dos atuais ocupantes da área do DAS, denominados de agricultores familiares, buscam construir nova configuração identitária.

Muito embora todas as competências estejam centradas na configuração do eu – nós, enquanto identidade individual/social, contudo, este se processa em diferentes momentos da vida individual e indispensáveis a uma coerência identitária (ELIAS (1994), BARTH (1998), SAQUET (2006).

Com base na multiplicidade de relacionamento, os comunitários caracterizam-se pela ação laboral e social que desenvolvem na comunidade, formadores de territorialidade identitária. Assim, o espaço de encontro e construção de nova paisagem dos indivíduos enfatiza ao termo território, explicando sua importância na configuração da etnicidade.

De acordo com Barth (1998): a etnicidade em si é uma forma de

organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta. Os signos culturais podem ser os aspectos diferenciadores dessas pessoas, que são agrupadas de acordo com os traços culturais que possuem uma origem comum. (BARTH, 1998, p. 141).

A partir do Quadro 1, foi possível perceber o multiculturalismo na trajetória dos grupos e como elas influenciaram na identidade do indivíduo que passaram a conviver e disputar o mesmo território e na forma como se percebem, como percebem os outros e como são percebidos pelos outros na comunidade (Quadro 2).

As diferenças em uma situação como esta propicia uma margem de ação aos indivíduos envolvidos. Observa-se no Quadro 1 que a formação dos grupos formadores do território, com identidades distintas é definidas pela ação no território. A primeira identificada como sitiantes ou produtores rurais, que demandam trabalhador rural ou caseiro para desenvolver as diferentes atividades agropecuárias realizadas na propriedade.

Quadro 1 - Aspectos da construção da territorialidade e identitária com relação ao uso da terra e trabalho, qualificação social, domicílio e como são identificados na comunidade

Relação com a terra (uso e trabalho)	Qualificação Social	Domicílio	Identificação local
Proprietário rural, com ou sem a titulação/concessão da Suframa	Empresário ou produtor rural	Mora na cidade	Sitiente, produtor rural, homem da cidade
Posseiro ou titular do lote, aguardando regularização fundiaria trabalha na terra.	Pequeno produtor e/ou agricultor familiar	Mora na propriedade rural	Posseiro, pequeno produtor; agricultor familiar
Trabalhador Rural	Empregado doméstico	Mora na comunidade	Caseiro, diarista; empregado rural

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

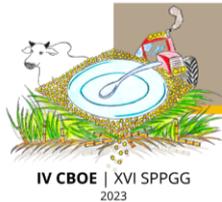
Neste grupo, as atividades econômicas agropecuária obedecem às recomendações dos sistemas de produção do agronegócio, mesmo em pequena escala, como é o caso da piscicultura, plantio de coco, banana, açaí, pastagens entre outras atividades do sistema de monocultivo convencional. Por outro lado, o segundo grupo intitulado de agricultor familiar ou pequeno produtor, que representa os produtores nas duas comunidades, verificou-se o plantio deliberado de agroflorestas em suas diferentes dimensões: agrosilvicultural, agrosilvipastoril e quintal agroflorestal.

Com referência ao espaço das moradias verificou-se a construção de casas simples e de pouca compartimentação funcional revelando nuances baixa confortabilidade (Figura 3), que não devem atender com qualidade as necessidades funcionais básicas. Entretanto, são casas construídas com recursos econômicos próprios e matéria prima da floresta, que é retirada a baixo custo financeiro e edificadas por meio do trabalho coletivo e social, denominado de ajuri.

Figura 3 – Aspectos das moradias nas comunidades Unidos Venceremos e Terranostra



Fonte: ARAÚJO *et al.* (2022)



Atenta-se aqui as diferenças de ocupação do espaço território pelos dois grupos de produtores que revelaram modos de uso da terra diferenciados, tanto na construção dos agroecossistemas, como no espaço residencial. As agroflorestas garantem em primeiro lugar o sustento alimentar ao núcleo familiar.

Observou-se haver semelhanças em algumas práticas, na forma de uso e trabalho com a terra, os comunitários revelaram suas origens ancestrais na forma e conteúdo de uso do espaço logo, as diferença que se estabelece entre os comunitários estão na importância dada a terra, como constituidora da identidade de agricultor familiar.

Neste sentido, a apropriação do espaço território na comunidade, se materializa como uma apropriação simbólica em que se constitui uma afirmação positiva da identidade étnica de agrofloresteiros.

Assim, no território são processadas as relações socioambientais dos indivíduos entre si e com a natureza, formados a partir do espaço. “Ao se apropriar de um espaço concreto ou abstratamente, o ator “territorializa” o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Araújo (2019) reitera que:

o processo civilizador com suas forças de dominação/exploração do homem e da natureza, provocou conflitos culturais de acomodação e assimilação, obrigando os agricultores tradicionais a abandonar muitos de seus hábitos e costumes [...] transformam a paisagem como práticas culturais consideradas específicas e próprias de sua identidade étnica. (ARAÚJO, 2019, p. 64).

E continua...

A memória biocultural os prima ao delineamento de decisões coletivas com troca de experiências e compartilhamento do espaço vivido a um novo modo de vida, revelando uma identidade étnica marcada pelas relações sociais e econômicas com o meio ambiente, não somente por consistir em uma forma de convivência e meio de vida, mas sim por uma relação [...] que determinam [...], a forma de viver na/da Amazônia. (ARAÚJO, 2019, p. 66).

Neste sentido, os indivíduos e/ou a coletividade, revelaram no espaço geográfico novas espacialidades, que constroem e reconstroem marcas de distintas temporalidades, transformaram espaço-lugar de construções simbólicas, distintos significados e funções, resultantes das experiências da memória biocultural, lembranças afetivas e aspirações sonhadas, reveladas no meio do qual estão inserido, que, segundo Bachelard (1993) abrigam os anseios do lugar ideal, ao mesmo tempo em que resguardam as memórias e laços afetivos: “Pelos sonhos [...] as diversas moradas da nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias mais antigos” (BACHELARD, 1993, p. 25).

Assim, a noção de lugar e memória biocultural, expressam valores diferenciados nos modos de proceder e/ou formas de agir, construídas a partir das configurações, *habitus* e disposições estruturadas e estruturantes na base das condições sociais em que foram geradas, se apropriando da situação “a interculturalidade/multiculturalismo, fazendo uso da gênese histórica dos indivíduos, mediando às atividades socioeconômicas a exemplo do trabalho coletivo e coletivo e solidário em regime de ajuri” (Araújo, 2019, p. 64).

Ressalta Araújo (2019) que o trabalho em ajuri como devir, impulsiona o viver

por/entre todos os elementos que o compõem na rede de interdependência [...] ambiental, social e econômico, diante da ausência de políticas pública na comunidade. São relações que evocam normas hegemônicas de parentescos ou não, [...] uma correspondência estrita entre os agricultores familiares nas diversas práticas que compõem o trabalho coletivo e solidário em ajuri nas localidades pesquisadas (ARAÚJO, 2019, p. 48).

Nos espaços dos lotes, os agricultores familiares iniciaram a ocupação com o tradicional sistema de corte e queima da vegetação secundária (capoeira) para construção da habitação (Figura 4) e plantio de agroecossistemas diversificados, denominadas de agroflorestas.

Figura 4 - Corte e queima da capoeira para plantio e construção da habitação



Fonte: ARAÚJO *et al.*, (2022)

Os agricultores iniciam com roçado de mandioca (*Manihot esculenta*), consorciado com outras espécies de ciclo curto, tais como: maxixe (*Cucumis anguria*), abóbora (*Cucurbita moschata*), cará (*Dioscorea alata*), feijão caupi (*Vigna unguiculata*) entre outras espécies. A banana (*Musa paradisiaca*) foi à preferida das frutíferas. Em seguida plantam espécies perenes frutíferas e florestais: açaí (*Euterpe oleracea*), andirobeira (*Carapa guianensis*), bacuri (*Platonia insignis*), biribá (*Annona mucosa*), cacau (*Theobroma cacao*), coco (*Coco*

nucifera), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), ingá (*Inga edulis*), jambo (*Syzygium malaccense*), limão (*Citrus limon*), manga (*Mangifera indica*), pupunha (*Bactris gasipaes*), entre outras espécies perenes.

No espaço agroalimentar mais próximo da casa plantam as hortaliças em canteiros suspensos e as plantas medicinais, as plantas ornamentais complementam a recriação paisagística ao redor da casa. Em muitas unidades, cerca de 80% das unidades produtivas familiares as agroflorestas foram associadas à criação de animais de pequeno porte (aves, suínos, caprinos...), bem como, a prática de aquicultura. A distância entre as propriedades é um dos problemas à comunicação, entretanto, alguns comunitários tem acesso a telefone móvel e atualizam as informações quando obtém acesso a internet.

As lideranças possuem internet paga e dispõem a senha aos comunitários por uma pequena taxa. As comunidades estão organizadas por meio de associações, que regularmente se reúnem para decidir e lutar por benefícios nas comunidades, a manutenção da estrada das vicinais ZF4 e ZF5 foi considerada um dos maiores problemas enfrentados pelos comunitários, pois encerra o direito de ir e vir.

Os espaços dos variados arranjos agrofloretais identificados revelaram distintos objetivos, estratégicos as necessidades do núcleo familiar, tais como: à segurança alimentar da família, comercialização e preservação ambiental, que foram refletidos na variedade de espécies identificadas. Verificou-se que a forma de cultivo no espaço dos quintais agrofloretais está intrinsecamente ligada ao *habitus* estruturado desses comunitários, além de servir para o “cultivo de espécies da agrobiodiversidade tropical, apresentaram variadas formas de utilização, tais como, socialização, encontros à promoção de festa, reuniões, trocas dialógicas de vivências solidárias nas práticas agrícolas e sociais (Figura 5) em sistema de ajuri” (ARAÚJO *et al.*, 2022, p.11).

Figura 5 - Práticas solidárias em sistema de ajuri



Fonte: ARAÚJO *et al.*, (2022)

Nesse sentido, a problemática que motivou a pesquisa foi a de se responder se as identidades profissionais são condicionantes no processo de socialização e de identificação étnica no espaço agroalimentar? Constatou-se que os comunitários do Terranostra e Unidos Venceremos estão em processo de construção do espaço/território, como espaço de produção/apropriação em busca da identidade no sentido étnico cultural.

A construção do espaço agroalimentar foi extremamente complexa, seja em função da grande diversidade da paisagem, seja em virtude das diferentes estratégias de sobrevivência desse povo nas condições biogeodiversa da Amazônia.

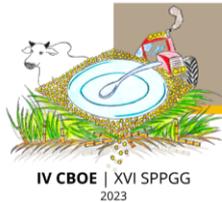
Em termos de grupos humanos distintos, podem ser identificados por uma cultura histórica própria, permitindo uma identificação social e política como grupos étnicos que estabelecem relações interdependentes e mutáveis entre si de natureza diversa de cooperação, socialização, competição e outras relações sociais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o espaço da paisagem dos agrofloresteiros das comunidades Terranostra e Unidos Venceremos e seu processo de transformação mostra um retrato das raízes históricas dos indivíduos, testemunho de uma interação homem-natureza, cujas características de espacialidade influenciam e modificam a paisagem, revelando que o ser humano aparenta uma inquietação na definição de sua identidade e do grupo a qual pertence, buscando recuperar suas raízes histórico-culturais, em um processo de constante transformação, alterando seu posicionamento na sociedade, moldando a sua maneira a compreensão do mundo coletivo.

Assim, podemos admitir, que em uma mesma sociedade, diferentes formas de pensar e agir, ocupando o mesmo espaço e o mesmo tempo convivem com o multiculturalismo.

Neste contexto, a ocupação do espaço vivido pelos agricultores familiares “agrofloresteiros”, não é um pré-requisito para territorialização, visto que constroem identidades de pertencimento e políticas à garantia de direitos individuais e coletivos, afirmando suas características a partir das relações com outros grupos sociais, qual nos remete ao conceito de fronteira étnica.



Agradecimento

Embrapa Amazônia Ocidental.

SEMA - Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amazonas.

Os comunitários da Comunidade Terranostra e Unidos Venceremos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Isabel de. **AJURI: O saber tradicional dos agricultores familiares no contexto amazônico**. 2019. 240 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal do Amazonas - Manaus (AM), 2019.

ARAÚJO, Maria Isabel de; SOUSA, Silas Garcia Aquino de. Quintal agrobiodiverso como sistema de produção sustentável, na hinterlândia amazônica. In: **Anais... 5º SisCultura - Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Amazônia**, Manaus - AM: UFAM, 2022. v. 5. p. 1-13.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Os estudos de percepção como a última fronteira da gestão ambiental. In **Anais... Simpósio ambiental e qualidade de vida na Região Metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais**, Belo Horizonte, MG, Brasil, 1992.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTH, Fredrik. **Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras**. São Paulo: UNESP, 1998.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 11ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2009.

KOZEL, Salette Teixeira. **Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas**. São Paulo, EDUFRO, 2007.

ELIAS, Norbert, **A Sociedade dos Indivíduos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1994.

ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta, 2002.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. n.spe, p. 51-73, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **“Identidade Étnica, Identificação e Manipulação”**. 1976. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/912>. Acesso em: 27 dez. 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras expressões, 2007.



SOUSA, Silas Garcia Aquino de; ARAÚJO, Maria Isabel; SOUZA, Jairo Daniel Oliveira de. Práticas Silviculturais na Comunidade Terranostra - Manaus/Am. *In: Anais... 9º Congresso Florestal Brasileiro*, 2022, Brasília, 2022. v. 9.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução de Lívia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

WIVES, Daniela Garcez; DURÁN, Carlos Ernesto; SENNA, Helena; KÜHN, Igor. **O Espaço e suas categorias de análise no olhar da Geografia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.